

PREPARO DO GRADUANDO DE ENFERMAGEM PARA ATUAR NA COMISSÃO DE CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR (CCIH)

*Rubia Aparecida Lacerda **
*Vanda Maria Galvão Jouclas ***

LACERDA, R.A.; JOUCLAS, V.M.G. Preparo do graduando de enfermagem para atuar na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH). *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 25, n. 3, p. 287-308, dez. 1991.

Este trabalho teve por finalidade realizar estudo sobre como as escolas de enfermagem do país estão preparando o graduando de enfermagem para atuar na comissão de controle de infecção hospitalar (CCIH); observamos que este ensino não vem sendo desenvolvido de maneira sistemática e planejada. A partir dos resultados obtidos, apresentamos uma proposta de ensino formal sobre a atuação da enfermeira na CCIH.

UNITERMOS: *Educação em enfermagem. Curso de graduação em enfermagem. Infecção hospitalar*

I — INTRODUÇÃO

A infecção hospitalar constitui importante problema de Saúde Pública no Brasil. Os impactos pessoais, sociais e econômicos das infecções adquiridas no hospital podem ser graves pelos prejuízos que causam ao paciente, à instituição e à sociedade.

Os programas de controle e prevenção de infecção hospitalar no Brasil são constituídos por uma equipe multiprofissional, geralmente denominada de Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH).

A obrigatoriedade de criação de CCIH no Brasil surgiu com a Portaria nº 196 de 24-06-83, do Ministério da Saúde, para todos os hospitais, independentemente de suas finalidades e características de assistência. "A Comissão deverá ser instituída atendendo às peculiaridades de cada hospital, com a participação, em seu núcleo básico dos serviços médicos, de enfermagem, laboratório, médicos residentes, da farmácia hospitalar e da administração ².

* **Enfermeira.** Mestre em Enfermagem. Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP. Disciplina Enfermagem em Centro Cirúrgico.

** **Enfermeira.** Doutor em Enfermagem. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP. Disciplina Enfermagem em Centro Cirúrgico.

Toda a literatura estudada referente à organização de CCIH inclui a necessidade de uma enfermeira exclusiva para esse fim, destacando-a, muitas vezes, como um de seus elementos mais importantes ^{8,9,12,15,22}.

O Center for Disease Control (CDC), em Atlanta, EUA, referendou a importância de enfermeiras treinadas em vigilância epidemiológica, ressaltando que seria necessário uma enfermeira em período integral no programa de controle de infecção hospitalar para cada 250 leitos ^{7,11,14}. Já EICKHOFF ¹⁰ indica ser necessário uma enfermeira e uma secretária com dedicação exclusiva para cada 200 leitos.

Entretanto, as atividades de controle e prevenção da infecção hospitalar exigem um aprendizado e reflexão constantes, que possibilitem a formação de uma consciência crítica no que se refere aos fatores desencadeantes dessa infecção, desde a evolução tecnológica das práticas hospitalares, a especificidade das patologias e a responsabilidade profissional e institucional, assim como o reconhecimento da interferência dos aspectos sócio-econômicos da clientela.

Em países como a Inglaterra e Estados Unidos, as enfermeiras têm realizado estudos e adquirido habilidades específicas para atuarem no controle e prevenção de infecção hospitalar, através de associações de enfermeiras de controle de infecção, com organização de estudos e eventos e a emissão de órgãos oficiais de publicação ^{1,3,6,13,19,20,23}.

Ainda não existem organizações efetivas de enfermeiras de controle de infecção hospitalar no Brasil. As principais iniciativas têm surgido pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), através de grupos de estudos regionais, entre eles, o I Encontro de Enfermagem da Região Sudeste (I ENFSUD), realizado em 1985 e tendo como tema central a Infecção Hospitalar ¹⁷.

Um levantamento bibliográfico nacional e internacional sobre o papel da enfermeira de controle de infecção, realizado em 1987, permitiu-nos reconhecer que ele está relacionado, basicamente, aos princípios de vigilância epidemiológica. Resumidamente, ela coordena e assume a responsabilidade direta e ativa de vigilância epidemiológica, investigando os casos comprovados ou suspeitos de infecção hospitalar e as condições humanas, ambientais e técnicas que favorecem o surgimento de infecções hospitalares; registra os casos e analisa os dados juntamente com os outros membros da CCIH. A divulgação de relatórios de investigação e as medidas de controle e prevenção adotadas também contam com a participação da enfermeira da CCIH, bem como as atividades educativas e de pesquisas sobre infecção hospitalar ¹⁶.

Este levantamento bibliográfico sobre a enfermeira de controle de infecção hospitalar possibilitou-nos, ainda, o reconhecimento das aptidões e habilidades que ela deve reunir para exercer satisfatoriamente suas funções, que se resumem em: — conhecimento e interesse com relação à infecção hospitalar; — experiência profissional que revele capacidade de planejar, prestar e avaliar cuidados de enfermagem individualizada; — conhecimento de administração, incluindo capacidade de comunicação,

liderança, planejamento, supervisão e assessoria; — conhecimento de epidemiologia, microbiologia aplicada, doenças infecciosas, técnicas de coleta de material e análise de cultura bacteriológica; — conhecimento de técnicas de assepsia, desinfecção, esterilização e higiene hospitalar; — experiência em ensino e em programas de educação continuada; — conhecimento de metodologia de pesquisa.

O estudo de LACERDA¹⁶, com enfermeiras de CCIH de hospitais do município de São Paulo, permitiu concluir que elas não estão executando a maioria das atividades de controle e prevenção de infecção hospitalar que lhes competem. Apesar de possuírem alguns requisitos necessários para um desempenho satisfatório, como experiência profissional em várias áreas de atuação, de não serem recém-formadas e de terem dado prosseguimento em seu aprimoramento e demonstrado interesse com relação à infecção hospitalar, elas encontram dificuldades para desempenharem adequadamente o seu papel na CCIH, decorrentes talvez da falta de preparo específico e sistematizado para as atividades de controle e prevenção de infecção hospitalar, preparo que deveria ter sido oferecido pelos órgãos formadores e pelas instituições onde trabalhavam. Esta situação, entre outras, foram responsáveis pela desinformação e atuação incompleta das enfermeiras na CCIH, conforme foi observado.

Os indicadores epidemiológicos e a dimensão real dos problemas de infecção hospitalar podem ficar prejudicados se a enfermeira de CCIH, elemento imprescindível na vigilância e investigação epidemiológica dessas infecções não estiver realizando a maioria dessas atividades.

Tendo em vista a responsabilidade amplamente reconhecida da enfermeira na investigação epidemiológica da infecção hospitalar e nas medidas que implicam no seu controle e prevenção, acreditamos que o momento é oportuno para nos conscientizarmos da necessidade de buscarmos estratégias para o ensino e o preparo sistematizado desta profissional.

Nesse sentido, acreditamos que as iniciativas dos órgãos formadores ainda são incipientes. Não temos conhecimento de escolas de enfermagem que estejam promovendo regularmente cursos e eventos sobre infecção hospitalar nem possuímos um panorama sobre como estas escolas estão preparando efetivamente o graduando para mais esta função. Por experiência, temos conhecimento de que algumas escolas de enfermagem vêm introduzindo o assunto em algumas disciplinas de graduação, mas com um enfoque voltado para o conteúdo específico de cada uma delas.

Apesar de reconhecermos a importância de, pelo menos, existir uma abordagem teórica sobre o assunto, preocupa-nos o caráter multi-facetado e descontínuo das informações transmitidas e a ausência de estágio na CCIH, o que pode dificultar a visão global do assunto, a habilidade e o interesse para desempenhar esta função.

II — OBJETIVOS

Verificar como está sendo realizado o ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH nos cursos de graduação das escolas de enfermagem

do país; — analisar o conteúdo do ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH nos cursos de graduação das escolas de enfermagem do país; — propor a inserção de um ensino sistematizado sobre a atuação da enfermeira na CCIH no currículo dos cursos de graduação em enfermagem.

III — MATERIAL E MÉTODO

1. População

A população deste estudo foi composta pelos responsáveis pelos cursos de graduação das escolas de enfermagem do Brasil.

2. Coleta de dados

Os dados foram obtidos através do envio, por correspondência, de uma carta de apresentação aos diretores de todas as entidades que ministram curso de graduação em enfermagem no país, explicando o motivo do estudo (Anexo I).

Juntamente com a carta de apresentação, encaminhamos um questionário para ser preenchido pelos coordenadores dos cursos de graduação (Anexo II). Nesta carta, havia uma solicitação para encaminharem também as respostas negativas, com a finalidade de computarmos todos os dados das 84 escolas de enfermagem do Brasil.

A correspondência foi enviada em fevereiro de 1990 e guardamos o período de 60 dias para o recebimento das respostas. Após esse período, obtivemos 30 devoluções dos questionários preenchidos, que constituíram a nossa população final.

3. Instrumento de coleta de dados

O questionário inclui questões abertas e fechadas e visa a obtenção de informações sobre a existência ou não do ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH ou em disciplina específica ou como parte do conteúdo programático de alguma(s) disciplina(s) do curso de graduação (Anexo II).

Em caso afirmativo, as questões abordam informações sobre a carga horária teórica e prática e o conteúdo do ensino em questão, fornecendo espaço para comentários e sugestões.

Esse questionário foi submetido a um pré-teste antes da coleta definitiva dos dados.

4. Tratamento dos dados

Os dados obtidos foram apresentados em números absolutos e percentuais.

IV — RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à apreciação dos resultados deste estudo, foram consideradas as respostas aos questionários devolvidos por 30 escolas de enfermagem, dentre as 84 existentes no país por ocasião da coleta de dados.

Os dados trabalhados referem-se às disciplinas do tronco profissional comum — parte profissionalizante — do currículo de graduação que desenvolvem o ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH. Aquelas do tronco básico, de habilitação ou especialização, algumas vezes presentes nas respostas dos questionários, não foram considerados nos resultados.

Assim, a situação das escolas que remeteram os questionários é mostrada na tabela 1.

TABELA 1 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM SEGUNDO A EXISTÊNCIA DE ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Ensino	Escolas	
	Nº	%
SIM	29	96,67
NÃO	01	3,33
TOTAL	30	100,00

Pelos dados da tabela 1, verificamos que 29 (96,67%) escolas de enfermagem do país que responderam ao questionário, ministram algum ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH durante o curso de graduação; apenas 1 (3,33%) escola respondeu que este ensino ocorre somente no curso de habilitação em enfermagem médico-cirúrgica.

A população que passamos a trabalhar a partir desses resultados é, pois, de 29 escolas.

TABELA 2 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM SEGUNDO A FORMA DE ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCHI DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Ensino	Escolas	
	Nº	%
Disciplina Específica	0	0,00
Parte do conteúdo programático de alguma(s) disciplina(s)	29	100,00
TOTAL	29	100,00

O ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH é desenvolvido somente como parte do conteúdo programático de algumas disciplinas. Nenhuma escola de enfermagem que respondeu ao questionário, ministra disciplina específica para o desenvolvimento deste assunto, como mostra a tabela 2.

TABELA 3 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM SEGUNDO AS DISCIPLINAS QUE INCLUEM O ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Disciplinas	Escola	Nº	%
Enfermagem Médica e/ou Cirúrgica		15	51,72
Enfermagem em Doenças Transmissíveis		12	41,37
Introdução à Enfermagem		10	34,48
Fundamentos de Enfermagem		08	27,58
Enfermagem em Centro Cirúrgico		05	17,24
Administração Aplicada à Enfermagem		02	6,89
Enfermagem Obstétrica e Neonatal		02	6,89
Metodologia da Assistência de Enfermagem		01	3,44
A Família com Problemas de Saúde		01	3,44
Enfermagem nos Cuidados Básicos de Saúde		01	3,44

As disciplinas dos cursos de graduação que mais frequentemente incluem o ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH são as seguintes: enfermagem médico e/ou cirúrgica 15 (51,72%), enfermagem em doenças transmissíveis 12 (41,37%), introdução à enfermagem 10 (34,48%), fundamentos de enfermagem 8 (27,58%) e enfermagem em centro cirúrgico 5 (17,24%), sendo, todas elas, predominantemente da área de assistência hospitalar.

Compete-nos complementar nestes dados, a informação de que o número de disciplinas por escola, que estão abordando este assunto, variou bastante, sendo o mínimo de uma e o máximo de 4.

A presença deste ensino em disciplinas da área hospitalar é, sem dúvida, coerente, embora seja oportuno ressaltar que uma das atividades mais importantes da enfermeira da CCIH está relacionada à vigilância epidemiológica, assunto mais frequentemente desenvolvido em disciplinas da área de saúde preventiva, que não foram citadas nenhuma vez.

Desde que o trabalho da enfermeira na CCIH está relacionado, em várias atividades, com aspectos que envolvem o conhecimento de administração hospitalar e o serviço de enfermagem, esperávamos que a disciplina administração aplicada à enfermagem tivesse sido citada com mais frequência nestes dados.

A distribuição irregular e a variação do número de disciplinas entre as escolas que estão ensinando este assunto constituem fatores indicativos de que o trabalho da enfermeira na CCIH é relativamente recente no Brasil e o seu ensino nas escolas de enfermagem pode estar acontecendo ainda sem sistematização.

QUADRO 1 — NÚMERO DE HORAS/AULA QUE O ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH OCUPA DENTRO DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM

Disciplinas	Número de horas/ aula de ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH	
	Mínimo	Máximo
Introdução à Enfermagem	02	15
Enfermagem Médica e/ou Cirúrgica	03	15
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	04	20
Administração Aplicada à Enfermagem	03	05
Fundamentos de Enfermagem	02	15
Enfermagem em Centro Cirúrgico	03	40
A Família com Problemas de Saúde	—	03
Enfermagem Obstétrica e Neonatal	04	25
Metodologia da Assistência de Enfermagem	—	04

O quadro 1 mostra que o número de horas/aula dedicadas ao ensino específico sobre a atuação da enfermeira na CCIH também varia muito entre as mesmas disciplinas das várias instituições.

As disciplinas “A família com problemas de saúde” e “Metodologia da assistência de enfermagem” aparecem nos questionários somente uma vez, não tendo sido possível estabelecer comparação de horas/aula máximas ou mínimas.

Esta variação quantitativa de horas/aulas entre as mesmas disciplinas corrobora a análise efetuada anteriormente (tabela 3) de que este ensino pode estar acontecendo de maneira não sistematizada, havendo portanto, necessidade de estudos aprofundados de planejamento e de intercâmbio entre disciplinas e escolas.

Não foi possível encontrar, neste estudo, a correlação das cargas horárias teóricas e práticas das disciplinas e o período destinado ao ensino específico sobre o trabalho da enfermeira na CCIH. Várias escolas não forneceram esta informação. Além disso, em alguns cursos de graduação, uma mesma disciplina engloba vários conteúdos e estes, em outras escolas, constituem disciplinas independentes. Como exemplo, a disciplina de Enfermagem Médico-Cirúrgica, engloba temas de Enfermagem em Centro Cirúrgico, Enfermagem em Doenças Transmissíveis, além de Enfermagem Médico-Cirúrgica propriamente dita, dentro de uma mesma carga horária total, podendo ter sido este o motivo pelo qual esta disciplina foi citada com mais frequência como mostra a tabela 3.

TABELA 4 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM SEGUNDO O CONTEÚDO TEÓRICO DE ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Conteúdo teórico	Escolas	Nº	%
CCIH (Organização, componentes, competência, atividades, Portaria 196 de 24-06-83 do M.S. e outras legislações	Portaria	21	72,41
Métodos de esterilização, desinfecção, antisepsia e limpeza		12	41,37
Métodos e medidas de prevenção e controle de IH		09	31,03
Papel da enfermeira no controle da IH		09	31,03
Causas, fontes e formas de desinfecção de IH		08	27,58
Tipos e incidência de IH		07	24,13
Técnicas básicas de assepsia		06	17,24
Definição e critérios de diagnóstico de IH		05	17,24
Antimicrobianos e IH		03	10,34
Fontes de IH da ferida operatória		03	10,34
Vigilância epidemiológica de IH		02	6,89
Manuseio de material esterilizado e contaminado		02	6,89
Centro de material		02	6,89
Técnica de lavagem das mãos		02	6,89
Procedimentos diagnósticos e terapêuticos invasivos e IH		02	6,89
Necessidade de higiene ambiental e pessoal		02	6,89
Fatores de risco na transmissão de IH à clientela		03	10,34
A Enfermagem no controle da IH		02	6,89
Aspectos epidemiológicos do ambiente hospitalar		02	6,89
Atuação da enfermeira na prevenção de infecção na ferida operatória		01	3,44
Infecção cruzada		01	3,44
Infecção hospitalar e infecção comunitária		01	3,44
Desenvolvimento de recursos humanos para o controle de IH		01	3,44
Procedimentos de prevenção e controle de IH em áreas críticas		01	3,44
Técnicas e rotinas de isolamento		01	3,44
Administração de medicamentos		01	3,44
Conteúdo do curso de Introdução ao Controle de IH do M.S.		01	3,44
Técnicas de limpeza e desinfecção de equipamentos		01	3,44
Tratamento do lixo hospitalar		01	3,44
Serviço de limpeza hospitalar		01	3,44
Serviço de lavanderia hospitalar		01	3,44
Ações gerenciais da enfermeira do centro cirúrgico e centro de material		01	3,44
Medidas preventivas de infecções neonatais		01	3,44
Assistência de enfermagem a puérpera com infecção		01	3,44
Aspectos éticos e legais no controle da IH		01	3,44
Flora humana normal		01	3,44

Pela tabela 4, verificamos que o conteúdo teórico ministrado com mais frequência sobre o assunto em estudo é a CCIH, incluindo sua organização, competência, componentes e legislação citada 21 vezes (72,41%).

Analisando estas informações, observamos que somente 9 (31,03%) escolas abordam diretamente o papel da enfermeira no controle da IH, que é justamente o conteúdo solicitado neste estudo. Informações sobre a CCIH; definição, fontes, causas e incidência de IH; medidas de controle e prevenção de IH; vigilância epidemiológica, entre outras, também fazem parte do conteúdo específico deste ensino.

Entretanto, vários assuntos relacionados nesta tabela fazem parte da formação geral da enfermeira dentro dos programas das disciplinas dos cursos de graduação em enfermagem, entre os quais métodos de esterilização, desinfecção, anti-sepsia e limpeza; técnicas básicas de assepsia; técnica de lavagem das mãos; técnicas e rotinas de isolamento; administração de medicamentos, manuseio de material esterilizado e contaminado, entre outros. Estes assuntos referem-se de maneira geral, à aplicação dos princípios de assepsia médica e cirúrgica e sempre permearam o conteúdo programático tradicional dos currículos dos cursos de graduação em enfermagem.

Através destes resultados, verificamos que há escolas considerando esse conteúdo tradicional como pertinente à atuação da enfermeira na CCIH. Não refutamos em momento algum a necessidade desse corpo de conhecimentos como pré-requisito essencial, mas, a função da enfermeira na CCIH requer outros tipos de conteúdos específicos, como pode ser observado no estudo de LACERDA¹⁶, que explicita as atividades que ela deve exercer neste campo de atuação.

Podemos concluir que as 29 escolas (100,00%) de enfermagem deste estudo, de alguma maneira, estão incluindo em seus currículos o ensino sobre o controle e prevenção da IH, mas são poucas as que estão ministrando ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH.

Outro aspecto a ser comentado, trata da variedade e da dificuldade de padronização de terminologias para a abordagem dos mesmos tipos de conteúdos. Como procuramos manter com a maior fidedignidade possível as informações prestadas pelas escolas, alguns dados apresentados na tabela 4, embora discriminados de maneiras diferentes, podem ser interpretados da mesma forma ou fazer parte de conteúdo mais abrangentes. Assim, o tema "vigilância epidemiológica", citado por 2 (6,89%) escolas, pode estar presente no tema "CCIH", citado por 21 (72,41%) escolas, uma vez que as atividades da CCIH, porventura incluídas no conteúdo, englobam a vigilância epidemiológica.

Em um outro exemplo, o "papel da enfermeira no controle da IH", citado por 9 (31,03%) escolas, foi compreendido, pelas autoras, como sendo a atuação da enfermeira na CCIH, especificamente. Por outro lado, toda enfermeira que trabalha em instituição hospitalar, mesmo não participando diretamente da CCIH, tem responsabilidade no controle da IH. O termo mais adequado seria a atuação ou o trabalho da enfermeira na CCIH. Alguns autores ainda, denominam a enfermeira da CCIH como "enfermeira de controle de infecção".

Urge, portanto, distinguirmos as atividades de controle e prevenção de IH das atividades ou atuação específicas da enfermeira na CCIH e uniformizarmos as terminologias e seus respectivos conteúdos.

TABELA 5 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM QUE INCLUEM NO CURRÍCULO ATIVIDADES PRÁTICAS DE ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Escolas Atividades práticas	Nº	%
SIM	20	68,97
NÃO	09	31,03
TOTAL	29	100,00

Pelos resultados da tabela 5, 20 (68,97%) escolas consideraram que estão desenvolvendo atividades práticas sobre a atuação da enfermeira na CCIH e 9 (31,03%) responderam negativamente.

Julgamos oportuno analisar estes resultados juntamente com a tabela seguinte, que mostra os tipos de atividades práticas que estão sendo exercidas pelos alunos dessas escolas.

TABELA 6 — ESCOLAS DE ENFERMAGEM SEGUNDO AS ATIVIDADES PRÁTICAS DE ENSINO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Escolas	Nº	%
Atividades prática		
Aplicação dos princípios de assepsia médica e cirúrgica na execução de todos os procedimentos relacionados à prática no estágio supervisionado das disciplinas	12	41,37
Pesquisa pelos alunos nos hospitais sobre a atuação da CCIH	03	10,34
Processos e métodos de esterilização, desinfecção de artigos e desinfecção de áreas	02	6,89
Participação dos alunos em reuniões para estudo dos problemas de infecção durante os estágios supervisionados	01	3,44
Trabalhos sobre o tema com apreciações	01	3,44
Higiene dos pacientes	01	3,44
Acompanhamento da enfermeira da CCIH em suas atividades	01	3,44
Preenchimento das fichas de notificação de IH nas diversas unidades do hospital durante os estágios supervisionados	01	3,44
Reconhecimento do trabalho que é executado pela CCIH	01	3,44
Deteção dos pontos de estrangulamento no centro cirúrgico e centro de material	01	3,44
Entrevistas com enfermeiras da CCIH	01	3,44
Identificação de comunicantes	01	3,44
Seleção de atividades de acordo com risco e/ou potencial de contaminação	01	3,44
Assistência de enfermagem ao recém-nascido normal e de risco	01	3,44

Na tabela 6, a maioria das atividades práticas sobre a atuação da enfermeira na CCIH dizem respeito à aplicação dos princípios de assepsia médica e cirúrgica na execução dos procedimentos durante os estágios supervisionados 12 (41,37%).

Segundo resultados das tabelas 5 e 6, as escolas, em sua maioria, consideram que estão realizando atividades práticas de ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH 20 (68,97%), mas estas se restringem à aplicação de princípios de assepsia médica e cirúrgica. Tais atividades constituem, na realidade, medidas de controle e prevenção de infecções relacionadas ao seu corpo de conhecimentos tradicionais, o que complementa a análise realizada na tabela 4.

As seguintes atividades práticas citadas na tabela 6, podem ser consideradas, de alguma forma, como diretamente ligadas ao ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH: pesquisa pelos alunos nos hospitais sobre a atuação da CCIH 3 (10,34%), participação em reuniões para estudo dos problemas de infecções 1 (3,44%), acompanhamento da enfermeira da CCIH em suas atividades 1 (3,44%), preenchimento das fichas de notificação de IH 1 (3,44%), reconhecimento do trabalho que é executado pela CCIH 1 (3,44%) e entrevistas com enfermeiras das CCIH 1 (3,44%).

Verificamos que boa parte do conteúdo teórico apreciado nos resultados da tabela 4 e a maioria das atividades práticas relacionadas na tabela 6, não constituem um corpo de conhecimentos específicos para a atuação da enfermeira na CCIH, se considerarmos as atividades da enfermeira de controle de infecção descritas por LACERDA¹⁶.

Com base nos resultados desta investigação podemos concluir que não há ensino sistematizado sobre a atuação da enfermeira na CCIH.

A última parte do instrumento de coleta de dados solicitava comentários e sugestões sobre o ensino em questão. Abaixo, transcrevemos os principais comentários obtidos neste estudo:

"... necessidade de maior tempo para o estudo do assunto..."

"Enfrentamos problemas na prática. Os hospitais do interior, por serem pequenos e com poucos recursos, não conseguem ter uma enfermeira liberada para a CCIH e os alunos não vêm na prática o funcionamento da CCIH".

"Fazemos o possível para salientar o papel da enfermeira na CCIH. O tema é muito abrangente..."

"No hospital onde desenvolvemos atividades práticas ainda não existe CCIH funcionando, o que dificulta o ensino".

"... necessidade de maior abertura e conscientização das instituições de saúde e dos profissionais para a IH".

"... necessidade de incentivos para a pesquisa".

"Todos os cursos deveriam abordar melhor a questão do controle e prevenção das infecções hospitalares... os nossos alunos sentem dificuldade de absorver o conteúdo ministrado devido só ficar a nível teórico."

Isso porque, em nossos hospitais ainda não funciona a CCIH”.

“... importante e merece destaque na formação do profissional”.

“Estamos conscientes da necessidade da atuação do enfermeiro nesta área”.

“... extremamente difícil ensinar e discutir um tema do qual não é dada a importância que ele merece, pelos profissionais, entidades e órgãos competentes”.

“Este é um assunto que não pode faltar à formação do enfermeiro de hoje”.

“... indispensável que as escolas de enfermagem se preocupem com a formação profissional para atuação nessa área”.

Pelos comentários efetuados, é possível observar que, nas escolas, o reconhecimento da importância do ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH é praticamente unânime; mas existem dificuldades na sua implementação, desde a necessidade de conscientização das instituições e dos profissionais diretamente envolvidos no problema das infecções hospitalares, até as peculiaridades regionais, pois nem sempre existe uma CCIH, com enfermeira atuando exclusivamente nesta função, o que ocasiona um hiato entre o ensino teórico e o ensino prático.

Na tentativa de resolver estas dificuldades, transcrevemos também as principais sugestões fornecidas pelos docentes de enfermagem:

“O estudo deve ser enfocado durante todo o curso de graduação, respeitando o contexto de ensino teórico e prático do momento em que o aluno se encontra”.

“... encontro e reunião dos docentes que abordam o assunto no curso de graduação para que este tema seja enfocado por todas as disciplinas sem o perigo de repetição”.

“Sugerimos maior intercâmbio entre as escolas sobre a abordagem da infecção hospitalar”.

“Participação dos alunos, durante o desenvolvimento de uma disciplina, junto às atividades da CCIH...”.

“... que as disciplinas proporcionem ao aluno oportunidade de participar de pesquisas científicas sobre o tema em questão”.

“Deve ser oferecido, desde o início da formação profissional do aluno, em caráter progressivo, até ser possível realizar pesquisa sobre o tema”.

“Sugerimos que tenha pelo menos um professor de enfermagem participando das CCIH nos campos de estágio”.

“... aulas com enfermeiros convidados que atuam em CCIH”.

“Deve ser incluído como disciplina específica...”.

“Disciplina específica ou curso de extensão universitária...”.

“As escolas de enfermagem deveriam dispor de carga horária prática para treinamento mais efetivo dos alunos”.

“... criação de uma disciplina sobre controle de IH”.

“Criação da disciplina como obrigatória nos currículos dos cursos da área de saúde”.

Uma leitura atenta à varias sugestões fornecidas pelas escolas denotam bastante coerência em seu conteúdo e, basicamente, é possível agrupá-las em duas sugestões principais:

- organização do conteúdo sobre IH, de maneira a ser focado durante todo o curso de graduação, em caráter progressivo, não repetitivo e relacionado ao contexto teórico e prático de cada disciplina.
- criação de uma disciplina específica sobre IH.

Diante desses resultados, acreditamos que o momento é oportuno para a apresentação de uma proposta de ensino que atenda, de maneira geral, as necessidades sentidas pelas várias escolas de enfermagem, a qual poderá partir das duas sugestões principais acima descritas, uma vez que não temos conhecimento de outros estudos recentes desta natureza.

V — PROPOSTA DE ENSINO SISTEMATIZADO SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NA CCIH.

A proposta de ensino sistematizado sobre a atuação da enfermeira na CCIH deve partir do conjunto de todas as disciplinas do curso de graduação, através de reuniões e discussões dos professores, com as finalidades de se atingir uma filosofia comum de ensino, organizar o conteúdo específico de maneira progressiva e uniformizar as terminologias e conceitos.

O ensino sobre infecção hospitalar, já nas disciplinas introdutórias, oferecerá ao aluno a oportunidade de, gradativamente, ir se alertando e se motivando para o problema e prepará-lo para atuar na CCIH, caso seja esta a função que irá exercer quando egressar dos órgãos formadores.

Durante os estágios supervisionados, os alunos poderão participar ativamente das medidas de controle e prevenção fixadas pela CCIH, tomar conhecimento dos relatórios e das taxas periódicas de IH e contribuir para a vigilância epidemiológica, seja preenchendo as fichas de notificação de IH, seja fornecendo informação de seus pacientes à enfermeira da CCIH.

Mesmo com o desenvolvimento desse conteúdo de maneira progressiva entre as disciplinas, questionamos como inserir, especificamente, o ensino sobre a atuação da enfermeira na CCIH. Parece-nos difícil decidir qual a disciplina mais indicada, e que disponha de carga teórica e prática para este fim, além daquela destinada ao seu conteúdo tradicional.

Diante desta dificuldade e pela constatação de que o ensino sobre a enfermeira da CCIH necessita de informações teóricas distintas e, principalmente, de trabalho de campo, deparamos com a necessidade de propormos a criação de uma disciplina específica para este ensino.

Recomendamos que esta disciplina seja oferecida nos últimos semestres do curso de graduação, ocasião em que os alunos já tiveram oportunidade de assimilar uma série de conceitos e experiências básicas sobre

o controle e prevenção de infecções hospitalares, reconhecem o funcionamento da estrutura administrativa e dos serviços hospitalares e quando já existe maior entrosamento com os profissionais e suas áreas de atuação.

Consideramos de vital importância que o planejamento e a programação deste conteúdo seja interdisciplinar, uma vez que se trata de um conteúdo específico, mas com pré-requisitos de praticamente todas as disciplinas do curso de graduação. Além disso, incluímos a necessidade de participação de pelo menos um docente com conhecimentos e experiência no assunto ou solicitar assessoramento de uma enfermeira de CCIH.

Como estratégia de ensino, acreditamos que professores de outras instituições que estudam e pesquisam o assunto e profissionais que atuam diretamente na CCIH ou que possuem afinidade com os temas a serem desenvolvidos devem ser convidados com o intuito de enriquecer o conteúdo teórico e o trabalho de campo, assim como para relatar as experiências profissionais, as dificuldades e as diferentes fases do trabalho de organização de uma CCIH.

As atividades práticas serão distribuídas entre o acompanhamento e a execução do trabalho da enfermeira de controle de infecção, participação nas atividades da CCIH, através da análise e elaboração de relatórios técnicos e de indicadores epidemiológicos, contribuição na indicação de medidas de controle e prevenção de infecção hospitalar. Visitas a vários hospitais que possuem CCIH, com apresentação de relatórios, entrevistas com profissionais e estudos de caso também constituem atividades práticas procedentes.

Dentre as várias possibilidades de avaliação, sugerimos a apresentação, pelos alunos, de estudos e propostas para a implantação e organização de CCIH naqueles hospitais que são campos de ensino, onde esta atuação ainda se encontre incipiente ou inexistente, o que proporcionará, ainda, a troca de experiências e uma integração docente-assistencial efetiva.

A seguir, apresentamos a proposta de um programa de ensino para o ensino desta disciplina.

Disciplina: ENFERMAGEM NO CONTROLE E PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES HOSPITALARES

Período: A partir do 6º semestre do Curso de Graduação.

Planejamento: Comissão de Graduação, envolvendo todas as disciplinas.

Coordenação: Periodicamente aternada entre as disciplinas do Curso de Graduação.

Carga Horária Mínima: 75 horas 40% Teórica
60% Prática e trabalhos

OBJETIVO GERAL

Oferecer subsídios para o aluno do curso de graduação em enfermagem exercer a função de enfermeiro de controle de infecção hospitalar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Que ao final da disciplina, o aluno tenha condições de:

- conhecer a cadeia epidemiológica das infecções hospitalares;
- interpretar a política nacional que vem sendo adotada para o controle e prevenção de infecção hospitalar, assim como os aspectos legais e éticos envolvidos;
- reconhecer os aspectos relacionados à formação de uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e seu nível de atuação;
- realizar atividades de vigilância epidemiológica da infecção hospitalar;
- participar do desenvolvimento de pesquisas nesta área.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Aulas expositivas; relatos de experiências; aulas demonstrativas; discussão em grupo; estudos dirigidos; leituras programadas; apresentação de relatórios; apresentação de projetos de pesquisa; estágios; visitas; entrevistas; estudo de casos.

AVALIAÇÃO

Prova escrita; auto-avaliação; hetero-avaliação; avaliação de relatórios; trabalhos com propostas de operacionalização de CCIH; estudos de caso; projetos de pesquisa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I — IMPACTO DAS INFECÇÕES HOSPITALARES

1. A problemática do controle das infecções hospitalares nos dias atuais.
2. Aspectos legais e éticos da infecção hospitalar.
3. Retrospectiva histórica da política de controle de infecção hospitalar no Brasil e no mundo.
4. Legislação sanitária.
5. Legislação sobre infecção hospitalar.

II — CONCEITOS E RISCOS DE INFECÇÃO HOSPITALAR

1. Conceitos de infecção hospitalar e comunitária.
2. Infecções hospitalares endógenos e exógenos.
3. Flora humana normal.
4. Ecologia microbiana;
 - 4.1 etiologia das infecções hospitalares
 - 4.2 aderência, colonização e infecção
 - 4.3 equilíbrio biológico

5. Fatores de risco de infecção hospitalar:
 - 5.1 causas inerentes ao próprio paciente
 - 5.2 causas inerentes ao ambiente hospitalar
 - 5.3 causas inerentes aos procedimentos diagnósticos e terapêuticos
6. Critérios diagnósticos de infecção hospitalar.
7. Principais síndromes infecciosas hospitalares:
 - 7.1 infecções da ferida cirúrgica
 - 7.2 infecções respiratórias
 - 7.3 infecções em neonatologia
 - 7.4 infecções do trato urinário
 - 7.5 septicemias
 - 7.6 infecções em diálise peritoneal e hemodiálise
 - 7.7 infecções entéricas
 - 7.8 infecções no grande queimado

III — MEDIDAS DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE INFECÇÃO HOSPITALAR

1. Comissão de controle de infecção hospitalar:
 - 1.1 organização
 - 1.2 função
 - 1.3 níveis de hierarquia e autoridade
 - 1.4 papel da equipe multiprofissional
 - 1.5 custo/benefício
2. Vigilância epidemiológica das infecções hospitalares:
 - 2.1 conceito
 - 2.2 métodos de coleta de dados; vantagens e desvantagens
 - 2.2.1 busca ativa
 - 2.2.2 busca passiva
 - 2.3 métodos de coleta de dados em ambulatório e pós-alta
 - 2.4 investigação epidemiológica
 - 2.5 detecção de surtos
 - 2.6 cálculo de indicadores epidemiológicos
3. Técnica de coleta de materiais para culturas aeróbicas e anaeróbicas.
4. Antimicrobianos e infecção hospitalar.
5. Serviço de saúde dos funcionários.
6. Setores de apoio:

- 6.1 lavanderia
 - 6.2 serviço de nutrição e dietética e lactário
 - 6.3 laboratório de microbiologia
 - 6.4 serviço de limpeza e manutenção
7. O papel do computador no controle da infecção hospitalar.
 8. A percepção e o papel da sociedade no controle da infecção hospitalar.

IV — A ENFERMEIRA DE CONTROLE DE INFECÇÃO

1. Retrospectiva histórica sobre a atuação da enfermeira no controle de infecção hospitalar.
2. Linhas de responsabilidades e autoridade.
3. Atividades da enfermeira de controle de infecção:
 - 3.1 coleta de dados
 - 3.2 investigação epidemiológica
 - 3.3 controle e prevenção
 - 3.4 educação e pesquisa

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Inicialmente, poderá ser utilizada a mesma bibliografia referendada neste trabalho.

VI — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise e discussão dos dados apresentados neste estudo, consideramos premente o planejamento e a implementação de um ensino formal sobre as atividades executadas pela enfermeira na CCIH nos cursos de graduação em enfermagem, uma vez que elas já estão sendo desenvolvidas em várias instituições de saúde do país.

O estudo de LACERDA¹⁶, realizado com enfermeiras de CCIH de hospitais do Município de São Paulo, mostra que 86,21% dessas enfermeiras não receberam informação sobre o seu papel na CCIH durante o curso de graduação.

A ausência de ensino formal pelas escolas de enfermagem pode comprometer o preparo e o interesse dos alunos por uma função que tradicionalmente pertence à enfermeira. Trata-se de um trabalho amplamente reconhecido por outros profissionais e cujas atividades de vigilância epidemiológica são consideradas fundamentais para a obtenção de baixa taxa de incidência e prevalência da infecção hospitalar e as concomitantes medidas de prevenção e controle da mesma.

CARDO⁴ comparou taxas de IH obtidas por método passivo — notificação feita por médico residente e por método ativo — notificação pela

enfermeira da CCIH — e obteve sensibilidade de 24% e 77%, respectivamente.

É fato que a função da enfermeira de controle de infecção, tal como a conhecemos hoje, não surgiu nos bancos escolares. Ela começou na Inglaterra, por volta de 1950, quando uma enfermeira foi contratada no Torbay Hospital, com a função de controlar e combater a disseminação de infecção hospitalar por estafilococos. Essa enfermeira era conhecida como "Sister of Infection Control". A partir de 1959, foi criada a função de Enfermeira de Controle de Infecção. Nos EUA, a primeira enfermeira de controle de infecção surgiu em 1963, no Hospital da Universidade Stanford. A partir daí, esse trabalho da enfermeira se espalhou pelo mundo ^{21,23}.

Conduto, as escolas de enfermagem no Brasil não vêm acompanhando essa evolução e o aprendizado sobre a atuação da enfermeira na CCIH vem ocorrendo principalmente nos locais de trabalho e na participação de eventos científicos específicos.

Não queremos, com esta afirmação, descaracterizar a importância da educação em serviço e da busca individual de aperfeiçoamento profissional, mas preocupa-nos, de maneira especial, a explicitação de uma filosofia de ensino que direcione as ações da enfermeira na CCIH.

A história da recomendação de criação de CCIH surgiu nos EUA, na Associação Americana de Hospitais (American Hospital Association), em 1958, com o objetivo de dotar os Hospitais americanos com um sistema que lhes permitisse apurar se as infecções eventualmente neles adquiridas, decorreram ou não de negligências e/ou de desobediências aos regulamentos de proteção ao doente, visando dotá-los de instrumentos necessários contra possíveis ações legais impetradas pela clientela ²⁴.

Acreditamos que as ações de controle e prevenção de infecção hospitalar visam prioritariamente a proteção da clientela e não somente a aquisição de instrumentos que possibilitem a defesa da instituição e dos profissionais envolvidos.

Para isso, além das diretrizes fixadas por instituições hospitalares, profissionais e órgãos governamentais, as medidas de prevenção e controle de infecção hospitalar necessitam também do envolvimento ativo da clientela, dos familiares e da sociedade como um todo, a partir de sua conscientização e do reconhecimento dos riscos e responsabilidades.

O único estudo de que temos conhecimento no país, sobre a contribuição dos pacientes hospitalizados e dos acompanhantes na prevenção da infecção hospitalar mostrou que os pacientes possuem alguma noção, manifestam o desejo de conhecer mais sobre o problema e apontam, ainda, várias situações que consideram propagadoras de infecção hospitalar ¹⁵.

Portanto, a inserção deste ensino específico nos cursos de graduação em enfermagem, tendo como premissas básicas a integração e o intercâmbio de informações com a sociedade, as instituições de saúde e os

órgãos governamentais, propiciará às escolas a atualização e a aquisição de um corpo de conhecimentos recentes com relação à infecção hospitalar, que já se encontra bastante difundido e desenvolvido na prática dos profissionais da área de saúde. Por outro lado, o domínio desse corpo de conhecimentos pelas escolas de enfermagem permitirá a sua participação na tomada de decisões e nas medidas que impliquem no controle da infecção hospitalar, assim como no desencadeamento de novos estudos e pesquisas direcionados à nossa realidade.

Finalmente, entendemos que as escolas de enfermagem, além de terem como objetivo o preparo dos futuros profissionais para desempenharem adequadamente suas funções nos diversos campos da área de saúde, principalmente naquelas onde já existem atividades explicitadas e com demanda crescente, como é o caso do trabalho da enfermeira de controle de infecção, também são responsáveis por apontar um corpo de valores que possibilitem aos estudantes tornarem-se profissionais capazes de iniciativas e de tomada de decisões e, conseqüentemente, serem agentes de transformação da situação de saúde no nosso país.

LACERDA, R.A.; JOUCLAS, V.M.G. Undergraduate nursing student competence to work in the Hospital Infection Control Committee. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 25, n. 3, p. 287-308, Dec. 1991.

The goal this study is to verify how is the preparation of nursing student during undergraduate course in Brasil in order to work as a member of Hospital Infection Control Committee (HICC). The results demonstrated that this teaching is assystematic and not planned. The authors propose a teaching recomendation on nurse's practice job in the HICC.

UNITERMS: *Nursing education. Baccalaureate nursing program. Cross infection.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APIC position paper: 1985. *Am. J. Infect. Control.*, v. 14, n. 2, p. 36A-8A, 1986.
2. BRASIL. Leis, etc. Portaria nº 186, de 24 de junho de 1983. Dispõe sobre controle e prevenção das infecções hospitalares. IN: BRASIL. Ministério da Saúde, *Manual de controle de infecção hospitalar*. Brasília, Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1985. p. 101-5.
3. BUCKLES, A.M. apud WORSLEY, M.A. *The Journal of Infection Control Nursing. Nurs. Times*, v. 79, n. 7, p. 39, 1983.
4. CARDO, D.M. *Validação de métodos ativo de coleta de dados e análise dos principais indícios para a detecção de infecção hospitalar em hospital de ensino nacional*. São Paulo, 1989. 153 p. Tese (Doutorado) — Escola Paulista de Medicina.
5. CARVALHO, D.V. et al. *Contribuição dos pacientes hospitalizados e acompanhantes na prevenção da infecção hospitalar*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, s.d. (mimeografado).
6. CASTLE, M. *Hospital infection control: principles and practice*. New York, Wiley, 1980. p. 3-81: Introduction of infection control programs.
7. CONCEPTUAL model of an infection surveillance and control program. *Am. J. Epidemiol.*, v. 3, p. 608-12, 1980.

8. **CONTROLE de infecção no hospital.** 3 ed. São Paulo, Sociedade Beneficente São Camilo, 1976.
9. CROW, S. Infection control in the emergency room. *Nurs. Clin. North Am.*, v. 15, n. 4, p. 869-83, 1980.
10. EICKHOFF, T.C. Nosocomial infections — a 1980, view: progress, priorities and prognosis. *Am. J. Med.*, v. 70, n. 2, p. 381-8, 1981.
11. EMORI, T.G.; HALEY, R.W.; STANLEY, R.C. The infection control nurse in the US hospitals. *Am. J. Epidemiol.*, v. 3, p. 582-607, 1980.
12. FERRAZ, E.M.; ZANON, U. Infecções hospitalares: onde estão as falhas? *Diál. méd.*, v. 10, n. 20, p. 5-7, 1984.
13. GRAZEBROOK, J. Counting the cost of infection. *Nurs. Times*, v. 82, n. 6, p. 24-6, 1986.
14. HALEY, R.W.; ABER, R.C.; BENNETT, J.V. Surveillance of nosocomial infections. IN: BENNETT, J.V.; BRACHMANN, P.S., ed. *Hospital infections*. Boston, Little Brown, 1986. p. 51-72.
15. HERR, L. et al. Comissão de controle de infecção hospitalar. *Rev. Bras. Enf.*, v. 31, n. 2, p. 182-92, 1978.
16. LACERDA, R.A. *Atividades das enfermeiras das comissões de controle de infecção hospitalar de hospitais do Município de São Paulo*. São Paulo, 1987. 126 p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
17. OLIVEIRA, C. de. Papel da enfermagem no controle da infecção hospitalar. *Rev. Paul. Hosp.*, v. 30, n. 9/10, p. 216-22, 1982.
18. SANFORD, J.P. Perspectives in infection control. IN: WENZEL, R.P., ed. *CRC handbook of hospital acquired infection*. 2 ed. Boca Raton, CRC Press, 1981. p. 3-32.
19. SILVA, C.A. da. Conferência: panorama nacional sobre as infecções hospitalares. *Rev. Paul. Enf.*, v. 5, n. 4, p. 141-4, 1985.
20. WALTERS, E.M. Editorial comment. *Nurs. Times*, v. 77, n. 9, p. JICN1, 1981. Supplement.
21. WEINSTEIN, S.A. Training needs of the infection control practitioner. Development of practice standards and internship programs. *Am. J. Inf. Cont.*, v. 14, n. 2, p. 68-70, 1986.
22. WENZEL, K. The role of the control nurse. *Nurs. Clin. North Am.*, v. 5, n. 1, p. 89-99, 1970.
23. WENZEL, R.P.; OSTERMAN, C.A.; MANDELL, G.L. University of Virginia Medical Center: isolation procedure and infection control manual. IN: WENZEL, R.P., ed. *CRC handbook of hospital acquired infection*. 2 ed. Boca Raton, CRC Press, 1981. p. 127-33.
24. ZANON, U. et al. Diretrizes para a organização e implantação de uma comissão de controle de infecções hospitalares. *Rev. Paul. Hosp.*, v. 27, n. 4, p. 115-9, 1979.

Recebido em 21/09/90

A N E X O 1

São Paulo, de

de 1989

Ilmo. Sr. Diretor,

Estamos desenvolvendo um estudo sobre o preparo do graduando de enfermagem quanto aos aspectos de controle e prevenção de infecção hospitalar.

As informações fornecidas por vossa instituição serão de inestimável valor para a nossa apreciação da situação atual de ensino de controle e prevenção de infecção hospitalar e para a criação de uma proposta de ensino sistematizado sobre este assunto nos cursos de graduação em enfermagem.

Outrossim, comprometemo-nos em compartilhar os resultados deste estudo através de divulgação, garantindo sobremaneira, o anonimato das instituições.

Na certeza de contarmos com vossa preciosa colaboração, finalizamos com protestos de estima e consideração.

Atenciosamente

P.S.: Mesmo as respostas negativas são importantes serem enviadas para o cômputo geral dos dados.

A N E X O 2

QUESTIONARIO

1. A sua escola aborda o ensino sobre a atuação do enfermeiro na comissão de controle de infecção hospitalar durante o curso de graduação?

() sim () não

SE A RESPOSTA FOI POSITIVA, POR FAVOR, RESPONDA AS QUE SEGUEM

2. De que maneira este ensino está incluído no currículo de graduação

() disciplina específica

() faz parte do conteúdo programático de alguma(s) disciplina(s).

3. Se constitui uma disciplina específica, por favor responda:

nome da disciplina:

carga horária teórica e prática:

semestre:

conteúdo programático oferecido:

atividades desenvolvidas:

.....
.....

4. Se faz parte do conteúdo programático de alguma(s) disciplina(s), por favor, indique-a(s).

.....
.....

